

Brasil vai crescer só 2% este ano

Se as projeções do Banco Central se confirmarem, expansão da economia será menos da metade dos 4,5% registrados em 2000

GILSON LUIZ EUZÉBIO

BRASÍLIA – A economia brasileira deve crescer apenas 2% neste ano, menos da metade da previsão inicial feita pelo governo, que esperava repetir os 4,5% do ano passado. De acordo com projeção divulgada ontem pelo Banco Central, a agricultura deve ser o único setor a escapar da forte desaceleração: “O setor primário deverá ter incremento de 3,8% em seu produto, impulsionado pela safra de grãos recorde e pelo desempenho favorável que a pecuária vem registrando”.

O IBGE divulgou, na última quinta-feira, suas projeções para a safra deste ano, apontando para uma produção de 98,4 milhões de toneladas, considerando os indicadores de agosto. Em compensação, a indústria deve amargar

um crescimento medíocre de 1,4%. E o setor de serviços deve ter expansão de 2,1%.

Juros – Mesmo baixa, a taxa de crescimento deste ano ainda será superior à de 1998 (0,2%) e à de 1999 (0,8%), comentou ontem o diretor de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn. Relatório do Banco Central aponta os seguintes fatores para a queda na atividade econômica: recessão mundial, crise de energia elétrica e aumento dos juros. Os juros, entretanto, pesaram mais na redução do crescimento do que o racionamento de energia, já que as empresas se adaptaram à nova situação e investiram em geração própria.

A intenção do governo era mesmo reduzir o desempenho da economia. Por isso, a partir de março o Banco Central fez suces-

sivos aumentos na taxa básica de juros (Selic), que subiu de 15,25% ao ano para os atuais 19% – taxa mantida na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), do BC. Se continuasse aquecida, na avaliação do Banco Central, a inflação subiria, porque o consumo poderia crescer a taxas mais altas do que a produção.

Restrição – Outro complicador era a balança comercial. Com a recessão mundial, o mercado para colocação dos produtos brasileiros ficou mais restrito enquanto o país aumentava as importações. O desequilíbrio na balança comercial agravava o problema do financiamento das contas externas do país, com um rombo estimado inicialmente em US\$ 26,5 bilhões. A retração da economia já fez o Banco Central reduzir a previsão de déficit para

US\$ 24 bilhões e a balança comercial saiu de um déficit estimado em US\$ 500 milhões para superávit de US\$ 2 bilhões.

Neste terceiro trimestre, a tendência é de redução dos efeitos da crise energética sobre a produção. Em compensação, os impactos da crise externa se mantêm, agravados pelos atentados terroristas aos Estados Unidos, no começo do mês.

“A desaceleração no ritmo de expansão da atividade econômica nos Estados Unidos, cuja duração deverá ser maior do que o inicialmente esperado, tem produzido efeitos negativos nas principais economias mundiais”, afirma o documento. Os países emergentes, como o Brasil, sofrem, porque dependem do comércio internacional e dos investimentos estrangeiros para crescer.